

KECHIKIAN, A. *Os filósofos e a educação*. Tradução e apresentação de Leonel Ribeiro dos Santos e Carlos João Nunes Correia. Lisboa: Edições Colibri, 1993 (Coleção Paideia).

Regis Lopes Silva *

Editado há pouco mais de 20 anos, fruto de entrevistas realizadas ao longo de 1985, *Os filósofos e a educação* se situa como uma autêntica obra filosófica que traz consigo, juntamente com o seu nascimento, a indeterminação do seu ocaso. Digo isto não só por se tratar de um campo no qual vimos ao longo do último século uma constante reformulação e uma intenção de alienação da filosofia como partícipe da própria elaboração do que vem a ser esse saber, como também, pelo fato deste livro se constituir exclusivamente de uma breve apresentação e de entrevistas que, no âmbito do jornalismo, tendem à efemeridade da informação. Cabe ressaltar o excelente trabalho da entrevistadora, Anita Kechikian, que soube, por meio de perguntas habilidosas e o prévio conhecimento do assunto, fazer com que o entrevistado nos dissesse o essencial acerca da educação com base nos seus próprios referenciais. A edição presente ainda consta de uma breve, mas esclarecedora, apresentação da obra feita pelos tradutores portugueses.

Leonel Ribeiro dos Santos e Carlos João Nunes Correia contextualizam as entrevistas a partir de uma ambientação em comum. Sendo a educação um assunto tão íntimo à filosofia ao longo de sua história, a sua alienação às discussões (forçosamente efetuada pelos pedagogos) não foi respondida com passividade. São dez filósofos distintos, com influências distintas, que pensam e respondem à sua maneira os problemas postos pela questão da educação. Essa coletânea de entrevistas trata, sobretudo, de um espaço de resistência do pensamento filosófico quanto àquilo que, pela formatação atual da sociedade, por interesses alheios àqueles historicamente ligados ao saber educacional, a filosofia tem sido forçosamente posta à margem de tais discussões.

* Acadêmico do curso de Filosofia (Licenciatura) na UFG; bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID/CAPES sob a orientação da prof.^a Carmelita Brito de Freitas Felício.

O problema se apresenta tal como é, todavia, já compreendido nas idiossincrasias do entrevistado. Não obstante o título do livro, são filósofos e a relação com a educação, intenciono em dizer que não apenas os filósofos que respondem, mas o título compreende, também, os filósofos nos quais aqueles que respondem se baseiam. Esta interpretação se justifica ao nos determos nas pequenas biografias e bibliografias acerca de cada entrevistado, nos oferecendo uma vista acerca do horizonte no qual ele responde aquilo que lhe é indagado.

Há uma crise que é anunciada já na apresentação. Com isto se delimita o *locus* das entrevistas, qual seja, a de os filósofos compartilharem as suas concepções de educação e a sua finalidade. Ocorre um esvaziamento de sentido que recai nos ideais clássicos da formação sejam diretamente ligados à noção do “homem” a ser formado, herança do humanismo, seja o ideal de uma educação que forme cidadãos úteis à sociedade, na esteira do Iluminismo. Ora mais diretamente, de modo incisivo, ora mais subentendido, todos se confrontam com a questão da ruptura com este *passado* da educação e, portanto, com a necessidade de se repensar a partir da filosofia os rumos do saber educacional.

Com *Educar para a alegria, não para o trabalho*, Robert Misrahi inaugura a série de entrevistas com um título que já evidencia a discordância do autor com aquilo que está em voga e subjaz a ampla maioria dos discursos que tratam de desenvolver habilidades e competências, isto é, o discurso guiado por interesses neoliberais com o fim único de alimentar uma cadeia produtiva/consumista. Tal sociedade, para Misrahi, é alienada e, portanto, o modo como lida com o desejo é desenfreado. O desejo deve ser educado e tal educação é, justamente, a atribuição de sentido. De influência espinosana, a alegria é a finalidade da educação e a sua possibilidade se dá por meio do alcance contínuo daquilo que se deseja. Não um desejo por si, mas um desejo educado. Há que se promover outras possibilidades que não a obrigatoriedade do ensino para o mercado que, por ser obrigatório, não concede espaço para o desejo, igualmente para a alegria.

Em *A educação desenvolve as desigualdades*, entrevista realizada com Raymond Polin, encontramos a noção de finalidade da existência humana relacionada à ideia de compreensão de si e ser compreendido pelos demais. Liberal confesso e com uma peculiaridade acerca da ideia de liberdade, afirma ser ela a condição do homem em dar sentido à própria existência e ordem ao mundo circundante. A ideia de cultura justifica a possibilidade de compreensão (ser compreendido e compreender o outro). Portanto,

nega a ideia de uma concepção universalista de homem. “Cada qual é único e vive os seus valores à sua maneira”. Nesse sentido, distingue educar de instruir alegando que a educação é a relação que cada um estabelece com aquilo que lhe advém por meio da instrução, esta sim ligada aos conhecimentos. Até mesmo para uma coerência com a sua ideia de singularidade, concebe uma formação dispar entre as pessoas. Valoriza-se aquilo que cada um tem e, como a desigualdade é tomada aqui naturalmente, a formação desenvolve em cada um o que já possui, preservando, assim, as desigualdades.

François Châtelet propõe em *A democratização foi uma gigantesca sabotagem!* a retomada do discurso com o qual se dizia ser possível as pessoas decidirem em comum acerca dos seus próprios fins. Por esta razão há que se educar as pessoas. Também se posiciona contrariamente à ideia de formar o homem, pois constata que a boa educação seria aquela que preserva a pluralidade, divergente até mesmo da ideia de formação do cidadão para a cidade que, dentre as responsabilidades esperadas, havia a de participar dos assuntos comuns. Sua concepção é restrita a sociedades democráticas pelo motivo de se esperar da educação a transmissão de conhecimentos, isto é, saberes que funcionam como pré-requisito da própria participação nos debates públicos. Realiza uma crítica à democratização do ensino tal como se deu na França pelo motivo de a educação ter se desvinculado da cultura. Melhor dizendo, há uma desvalorização da cultura que se liga diretamente à valorização de algumas profissões em detrimento de outras.

Com Jacques Bouveresse temos em *É normal que a escola seja inigualitária* uma retomada, responsavelmente lúcida, da finalidade da educação como promotora da emancipação. Reconhecendo a possibilidade de o saber ser utilizado como instrumento de dominação, atribui também ao próprio saber a possibilidade da crítica, da resistência, por meio de um desvelar daquilo que é dado na sociedade: a injustiça e a opressão. Revela seu otimismo quando afirma que toda atividade intelectual carrega em si o potencial da crítica, independente de qual conhecimento esteja em questão. Portanto, a sua acusação recai sobre os usos de poder que advém da posse dos conhecimentos. Conclui que não se deve esperar da escola uma promoção da igualdade pelo fato de a própria sociedade, na sua base, ser desigual.

Marcel Conche retoma em *A escola deve formar o juízo moral e político* a declaração francesa que idealizou a noção de “direitos do homem”. De tradição cética, se posiciona contrário a qualquer influência metafísica na sua concepção de educação.

Mais que isso, atribui ao ceticismo o modo como terraplanar pessoas como um terreno no qual a educação moral baseada na Declaração dos Direitos do Homem se daria. Para ele, a igualdade entre os homens sustenta um tipo educacional. Tal igualdade se justifica no fato de que em cada homem há a possibilidade dele falar segundo o que lhe parece verdadeiro. A finalidade da educação, fundada no terreno já exposto, é a formação do juízo político que leva os indivíduos para além das suas vontades privadas.

Jean-François Lyotard inicia com uma exposição do empobrecimento dos ideais educativos concebidos no Iluminismo. Em *O saber já não é um meio de emancipação*, o autor, baseando-se na ideia da formação aleatória do mundo a partir do “Big Bang”, concebe “o homem e o seu pensamento” como “a imagem que o cosmo pode produzir de si mesmo”. Isto é, o que seja “homem” não está dado e a finalidade única da educação seria sensibilizar as pessoas quanto a multiplicidade, a diferença. Desse modo, toda educação que se fecha em si, ou em algo (como a profissionalização) deve ser combatida. Para ele, como a sociedade também é um complexo criado, as ações desenvolvidas em geral devem perpassar a ideia de resistência a esta sociedade que se apresenta como a única viável, mas que não passa de um *constructo*. Quanto ao saber, não lhe é intrínseco o emancipar o sujeito. Para ele, a relação com o saber tal como concebida atualmente não passa de um “luxo que o mundo oferece a si próprio”.

Com Olivier Revault D’Allones e sua entrevista intitulada *Não vejo como é que uma educação pode ser nacional* temos uma resistência quanto à ideia “unidimensionalizante” da educação, isto é, cunhada na reprodução de indivíduos com base em um molde que aponte para uma necessidade da sociedade. O que ele defende como finalidade da educação é a consideração acerca da possibilidade em se “fazer de outro modo”. De formação artística, vê a arte como o paradigma no qual a educação deveria se espelhar, como a possibilidade de fazer surgir o novo. Criar coisas. A tarefa da educação é fazer com que as pessoas tenham acesso aos saberes de tal modo que o sentido atribuído entre aquilo que se aprende e o conhecimento seja definido pelo próprio sujeito do aprendizado. Com isto, assegura-se a possibilidade de se criar, não a partir do nada, mas a partir do que já foi criado outrora.

Na entrevista de Clément Rousset - *A ciência da educação, mitologia dos tempos modernos* -, ocorre novamente uma crítica aos ideais das Luzes para a educação, sobretudo pela perspectiva da ideia de um progresso infinito. Para ele, tal postura ilude a vida mesma e a sua efemeridade. Com influência niilista, aponta a felicidade como

a finalidade da educação. Não obstante o niilismo e à leitura da realidade advinda desta postura, concebe a educação como instrução dos conhecimentos (inclusive os literários) e finaliza com uma crítica ao esvaziamento semântico do pedagogismo com o suposto lema “aprender a aprender”.

Paul Ricoeur em *É importante manter, desde o início, a dimensão política da educação*, parte de um diagnóstico conflituoso de nossa época para localizar a finalidade da educação, qual seja, a de “ajudar os indivíduos a orientar-se em situações conflituosas, a dominar com coragem certo número de antinomias”. Tais antinomias são: o ensino para a vida pública e a vida privada; a necessidade de o indivíduo escolher uma tradição viva dentre as possibilidades e para isto necessitaria de um critério; manter uma abertura ao diferente ainda que esteja vinculado a alguma posição. Ricoeur opera com a distinção entre verdade e sentido de modo que sempre ligue aquela à ideia de convicção. Portanto, o ensino se daria mediante a exposição equivalente de todas as opções.

Etienne Balibar finaliza a sequência de entrevistas com *A igualdade é a contradição motora do projecto educativo*. De influência marxista, Balibar afirma que o núcleo da obra de Marx pode ser um referencial para um projeto educativo, isto é, a ideia da teoria da exploração. Contudo, basear-se nisto não significaria uma adesão irrestrita ao pensamento de Marx. Seu projeto constata a desigualdade hierarquizada da escola e tende a um constante posicionamento em vista de não se permitir que a desigualdade produza um cenário no qual haja o predomínio da técnica e do saber pragmático. O teor crítico recai em uma utopia educativa que se responsabilizaria pelo impedimento da primazia do tecnicismo.

Após o percurso realizado neste texto, concluímos por aquilo que alguns autores entrevistados já anteviram. A multiplicidade de possibilidades e a indeterminidade da melhor escolha. Distintos projetos educacionais refletem distintas concepções de mundo e distintas influências filosóficas naqueles que os concebem. Cabe a nós a devida atenção de localizarmos os diálogos realizados no interior de cada entrevista, não apenas o diálogo evidente entre o entrevistado e o entrevistador, mas, sobretudo, o diálogo com o passado, numa tentativa ou de recuperar o que supostamente é o melhor, ou de negá-lo para dar rumo àquilo que se quer. Diálogo também com a sociedade, pois é no próprio diagnóstico da crise na educação (parece ser esta percepção de uma crise o que une as entrevistas) que se apresenta inicialmente as idiossincrasias do filósofo, a sua singularidade.